

### IMAGENS DE CERTA MODERNIDADE: A CASA KLABIN EM CAMPOS DE JORDÃO, UMA INSTÂNCIA DE EXPERIMENTAÇÕES ARQUITETÔNICAS

Denise Mônico  
Andressa Martinez

**Como citar esse texto:** SANTOS, D.M.; MARTINEZ, A.C.P. Imagens de certa modernidade: a Casa Klabin em Campos de Jordão, uma instância de experimentações arquitetônicas. **VIRUS**, São Carlos, n. 12, 2016. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus12/?sec=4&item=12 &lang=pt>>. Acesso em: 00 m. 0000.

**Denise Mônico dos Santos** é Doutora em Arquitetura e Urbanismo, Professora Adjunta no Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Viçosa e coordenadora do grupo de pesquisa Nó Lab. Estuda modalidades habitacionais metropolitanas, cidades e cultura digital, modelagem digital e políticas culturais com meios digitais.

**Andressa Carmo Pena Martinez** é Doutora em Urbanismo e Professora Adjunta no Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Viçosa e coordenadora do grupo de pesquisa Nó Lab. Estuda projeto de arquitetura e urbanismo e processos digitais de projeto.

#### RESUMO

O artigo busca fazer uma primeira leitura de uma casa de campo construída por Emmanuel Klabin em Campos do Jordão, SP, Brasil, no início dos anos 1950. Trata de apresentar obra e autor, tentando contextualizar as possíveis teias de filiações e referências que envolvem ambos. Busca entender quais ideias e conceitos teriam possivelmente influenciado o projeto e a construção, que, ao mesmo tempo em que é figurativamente associada a um submarino, sugere certo apego a procedimentos e princípios racionalistas. Se, por um lado, o caráter plástico formal da casa chama atenção, seu autor também se destaca. Irmão de Mina Klabin e cunhado de Gregori Warchavchik, esteve em contato direto com um contexto de efervescência cultural, especialmente ligado a arquitetura modernista no Brasil de meados dos anos 1920 e 1930, além de ser um empreendedor do setor imobiliário que se mantinha próximo ao canteiro de obras. Parte de uma pesquisa em andamento, o artigo apoia-se em informações baseadas em registros documentais, levantamentos *in loco* e entrevistas. Pretende dar visibilidade à possível atitude de “ruptura com procedimentos e modelos estéticos convencionais” que a casa apresenta, alinhando-se, nesse sentido, com a temática *Modernos Radicais* da V!12.

**PALAVRAS-CHAVE:** habitação, modernismo, família Klabin.

## **ESTRANHEZA REFERENCIADA**

Esse artigo é o primeiro registro de uma investigação em curso, derivada de uma situação inusitada: um convite despretensiosamente aceito para “dar uma olhada em uma casa estranha” em Campos do Jordão, da “década de 1940”, que foi de algum “Klabin”.

A primeira impressão foi de uma “estranheza” demasiadamente referenciada. Aberturas na forma de escotilhas, a chaminé enorme da lareira, que desponta como um grande volume em relação à casa, dispositivos que lembram periscópios de submarinos, grandes aberturas. Elementos que se associam à uma grande cobertura plana inclinada ligada a superfícies curvas, definidoras da volumetria. Uma casa que se distancia, e muito, das construções do lugar, conhecido por apresentar um conjunto arquitetônico eclético, de variada mistura de padrões, principalmente centrados no tratamento de fachadas e de telhados bastante inclinados, que aludem à arquitetura vernacular de países de clima frio. Ao mesmo tempo que chamava atenção o caráter plástico formal da casa frente ao contexto local, ao “gosto” dominante que transpira o lugar, também parecia se destacar frente ao contexto temporal, se considera-se o que era a arquitetura corrente no Brasil nas décadas de 1940 e 1950. E mais, parecia impossível não associar o sobrenome Klabin ao de Gregori Warchavchik, e conseqüentemente, aos primeiros anos do modernismo no Brasil.

Buscar mais informações a respeito da casa, seu projeto e construção, quem seria o autor do projeto e o proprietário, foi o passo seguinte para tentar entender quais ideias, conceitos, obras e arquitetos teriam possivelmente influenciado o projeto e construção daquela casa isolada no alto da Serra da Mantiqueira, que insistentemente remetia a imagens de um submarino e que possuía elementos que literalmente pareciam saídos de um navio (Figura 1). Foi impossível não pensar que a historiografia da arquitetura moderna destaca o transatlântico como um dos grandes objetos referência evocados por Le Corbusier para tratar o espaço mínimo, a autossuficiência, e a esfera coletiva dos programas habitacionais. Aquela que foi uma poderosa imagem para o consensualmente maior arquiteto moderno, estava figurativamente materializada na casa esquecida de Campos do Jordão.



Fig. 1: Casa Klabin, Campos do Jordão, vista da elevação sul, 1987. Fonte: Acervo particular do atual proprietário da casa.

Este artigo busca fazer uma primeira leitura dessa casa, construída entre o final da década de 1940 e meados da década de 1950, como casa de campo, por Emmanuel Klabin, seu primeiro proprietário. Trata, especificamente, de uma obra e um autor ausentes, até então, em estudos acadêmicos. E também de um contexto de investigação onde os registros documentais não estão disponíveis a partir de acervos formalmente institucionalizados. Nesse sentido, as informações aqui apresentadas derivam de uma série de procedimentos iniciais de coleta de dados e pesquisa, que incluem, além dos registros fotográficos, levantamentos *in loco*, com medições externas e internas da casa, que balizaram a construção de modelos 3D, os desenhos em planta e das elevações. Uma pesquisa bibliográfica levantou dados a partir de trabalhos acadêmicos, principalmente dissertações, onde o autor é citado, ainda que em função de atividades que não necessariamente relacionadas às questões aqui tratadas. Levantamentos documentais atestam alguns dados biográficos. Algumas entrevistas também foram realizadas, no sentido de, por um lado, colher dados até então desconhecidos e, por outro, checar e confirmar informações que, à princípio, pareciam conflitantes<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> As principais entrevistas realizadas até então: [1] **Mauris Ilia Klabin Warchavchik**, filho de Gregori Warchavchik e Mina Klabin Warchavchik, sobrinho de Emmanuel Klabin; [2] **Benedita Costa Biagioni**, esposa de Gustavo Biagioni, construtor da casa; [3] **Hahahel Salas Peres**, segundo e atual proprietário da casa; [4] **José Antônio Domingues**, advogado inventariante da companheira de Emmanuel Klabin, Anna Theresia Hamburger. Conversas informais: Sra. **Jacira Paschoal**, filha dos antigos caseiros da propriedade; Sr. **Carlos Wagner**, topógrafo que projetou o Parque do Ferradura, onde situa-se a casa; **Alexandre Salas**, filho do atual proprietário.





Fig. 2: Casa Klabin, vistas das elevações oeste (primeiro plano) e norte, 2016. Fonte: Heloísa Mônico dos Santos, 2016.

Este artigo é, como se disse, parte de uma pesquisa em andamento. Não pretende revisitar a historiografia; muito menos, lançar a obra/casa analisada, ou mesmo seu autor, no contexto do modernismo em arquitetura no Brasil. Pretende, sim, dar visibilidade à possível atitude de “ruptura com procedimentos e modelos estéticos convencionais” que a casa apresenta, alinhando-se, nesse sentido, com a temática *Modernos Radicais* da V!12. Pretende contextualizar essa possível atitude de ruptura, suas possíveis teias de filiações e referências, centrado, entretanto, numa exploração do objeto arquitetônico (Figura 2).

## **O “ERMITÃO INVENTIVO”<sup>2</sup>, EMPREENDEDOR DO SETOR IMOBILIÁRIO**

O autor do projeto e primeiro proprietário da casa localizada no Parque do Ferradura, em Campos do Jordão, foi Emmanuel Klabin<sup>3</sup>. Nascido em 1902 e falecido em 1985, foi o filho mais novo do industrial, imigrante lituano de origem judaica, Maurício Freeman Klabin e de Berta Osband Klabin. Era irmão de Jenny Klabin, casada com o pintor Lasar Segall, de Mina Klabin, casada com o arquiteto Gregori Ilitch Warchavchik e de Luísa Klabin, casada com médico Ludwig Lorch (VALADARES, 2011).

---

<sup>2</sup> Em entrevista, Mauris I. K. Warchavchik (2016), quando indagado sobre o projeto da casa Klabin em Campos do Jordão diz, de antemão, “a questão toda é a seguinte, você tem que entender a personalidade do meu tio: um ermitão inventivo [...]”.

<sup>3</sup> A autoria do projeto foi atestada principalmente por Mauris I. K. Warchavchik (2016) e Benedita Costa Biagioni (2016).

Ainda que se esteja trabalhando com um reduzido material documental de cunho biográfico, até então, sabe-se que Emmanuel Klabin teria estudado engenharia elétrica, primeiro na Escola Polytechnica de São Paulo (instalada em 1894)<sup>4</sup>, depois em Edimburgo, na Escócia<sup>5</sup>. Entretanto, é incerto se chegou a concluir esta formação superior. A trajetória de atuação de Emmanuel Klabin, vista a partir dos dados coletados até então, informam menos especificamente sobre sua obra em Campos do Jordão, e mais sobre as atividades relacionadas a investimentos imobiliários ligados aos recursos e bens recebidos em herança. Com o falecimento do pai, em 1923, Emmanuel Klabin, ainda muito jovem, passa a assumir parte da administração dos bens da família, que incluíam vastas porções de terras em vários bairros da cidade de São Paulo, e ainda, alguns dos recursos provenientes de indenização recebida com a saída da família da empresa Klabin Irmãos & Cia. (KIC), fundada pelo pai em 1899.

E. Klabin fundaria com tais recursos a Cerâmica Emefka em 1924, segundo Salla (2014). No mesmo trabalho, que estuda a indústria cerâmica paulistana no período da Primeira República, a autora destaca que, em 1935, a produção da Emefka estava voltada para “tijolos laminados e tubulares” (SALLA, 2014, p.176). Lara (2012) também relata esta atuação de E. Klabin:

Um dos familiares decidiu manter investimentos no setor industrial numa cerâmica situada ali mesmo, dentro da gleba de seu pai: “Em 1929, o filho [Emmanuel Klabin] cria a Cerâmica MKF, que seria a primeira olaria de forno contínuo em São Paulo, entre as atuais ruas Ricardo Jafet e Arcipreste Ezequias”. (METRÔ)<sup>6</sup> A cerâmica MKF seria um investimento industrial com vistas a alta produtividade, com investimento pesado em maquinário, evidenciado pelo citado “forno contínuo”. (LARA, 2012, p.188)

Entretanto, esse autor destaca que “possivelmente o principal ramo de negócios das herdeiras e herdeiro de Klabin [Maurício Freeman Klabin] seria o imobiliário” (LARA, 2012, p.188). Outros trabalhos apontam também para a atuação desse segmento da família Klabin após a morte do patriarca, os apresentando como empreendedores do grande patrimônio imobiliário da família, que incluía a construção de casas e edifícios, principalmente para locação. É importante destacar que a produção da cerâmica Emefka supria a demanda de tijolos das construções patrocinadas pela família, reforçando esse interesse e foco no ramo imobiliário.

O registro da atuação de E. Klabin relacionada à construção aparece, quase exclusivamente, na dissertação de Denise Invamoto (2012), e de forma bastante pontual. A temática principal da pesquisa dessa autora é a preservação de bens culturais, e está centrada na reconstituição das trajetórias de processos de tombamentos de obras de um dos cunhados ilustres de E. Klabin, o arquiteto Gregori Warchavchik (1896-1972). Essa autora apresenta instantâneos da atuação de E. Klabin na gestão dos investimentos imobiliários da família, e conseqüentemente, em relação à atuação de G. Warchavchik, em diversos momentos do trabalho. Sobre os negócios familiares envolvendo filhos e genros de Maurício Klabin após seu falecimento, a autora destaca:

---

<sup>4</sup> Uma publicação do jornal *Correio Paulistano*, de 19 de fevereiro de 1920, sobre os resultados dos exames da Escola Polytechnica do ano letivo de 1919, aponta Emmanuel Klabin como um dos aprovados no Exame Vestibular.

<sup>5</sup> Como comprova certificado da *George Heriot Watt College*, de 1922.

<sup>6</sup> COMPANHIA DO METROPOLITANO DE SÃO PAULO. Ação cultural do Metrô – Linha 2 – verde. São Paulo, s/d. Disponível em: <http://www.chacaraklabin.com.br>. Acesso em 11/10/2010.

Seus herdeiros deram prosseguimento aos investimentos fundiários e imobiliários – aquisição de terras, parcelamento, urbanização, construção, etc., para venda e aluguel. Nesse sentido, Warchavchik tornar-se-ia peça fundamental para a gestão dos negócios familiares, com a elaboração de estudos de viabilidade, projetos e gerenciamento de obras. O arquiteto participava dos desenhos dos arruamentos, implantação dos loteamentos, cálculos de drenagem e divisão das áreas para destinação a cada um dos herdeiros, que eram partilhadas através de sorteio, com registro em ata. Quando a divisão não era exata, os terrenos excedentes passavam a ser de propriedade de todos os herdeiros (INVAMOTO, 2012, p. 223-224).

A autora relata ainda, em nota de rodapé, que “A título de curiosidade há inclusive uma carta que documenta a queixa de Emmanuel Klabin de que sempre ficava com os piores terrenos, de maior declividade só porque era engenheiro” (INVAMOTO, 2012, p. 224).

Gregori Warchavchik esteve à frente do projeto de alguns empreendimentos imobiliários da família Klabin destinados ao aluguel que atendiam aos quatro herdeiros. Parece que se tratavam de projetos em que os investimentos se faziam mais rentáveis se realizados conjuntamente, como no caso do conhecido conjunto de casas geminadas Vila Bertha, na Vila Mariana. Entretanto, parece importante o registro de Invamoto quanto aos projetos que Warchavchik desenvolvia para sua esposa e as irmãs, como, por exemplo, de casas para o loteamento Vila Afonso Celso, que não contemplava projetos para Emmanuel Klabin “[...] pois ao que consta, construía por conta própria” (INVAMOTO, 2012, p. 226). Além de Invamoto, algumas entrevistas realizadas até então, apontam também para o fato de E. Klabin ter atuado na atividade de construtor de casas para aluguel de forma independente da família. E de gerenciar, ao que consta, com a ajuda de um funcionário, uma equipe de pedreiros que construía, a partir de suas ideias, tais casas.

Nesse sentido, procura-se destacar aqui, que o idealizador da casa Klabin em questão, era familiarizado com o universo da construção civil, e esteve às voltas com esse universo desde meados dos anos 1920, em função dos investimentos financeiros familiares e pessoais na área. E. Klabin parece ter sido um investidor privado cuja atuação se enquadra na chamada produção rentista da habitação, fenômeno que configurou o contexto paulistano da produção habitacional desde as últimas décadas do século XIX até os anos 1930, estudado por Nabil Bonduki em 1998.

Nesse sentido econômico, as soluções habitacionais de aluguel produzidas em série para os operários e a classe média - cortiços, vilas, conjunto de casas geminadas, minipalacetes de edificação seriada etc. - tinham o mesmo significado e representavam agenciamentos específicos do mesmo movimento financeiro, ou seja, capitais buscando aplicação rentável através da exploração de locação habitacional. (BONDUKI, 2011, p. 45).

No atual momento da pesquisa, ainda não foram coletadas informações sobre os diferentes projetos e construções que E. Klabin conduziu, principalmente na Vila Afonso Celso, e tão pouco se conhece os procedimentos adotados para a legalização dos empreendimentos que patrocinava junto aos órgãos públicos. No entanto, as entrevistas apontam números significativos que atestam seu envolvimento com o universo da construção e do mercado imobiliário: “construiu mais de 200 casas” de aluguel (DOMINGUES, 2016), deixou como herança “cerca de 400 imóveis” (WARCHAVCHIK, 2016). Apesar de ainda não ser possível precisar exatamente o período inicial e final dessa produção, parece pertinente considerar que, muito provavelmente, faz parte de um contexto em que o mercado de locação está centrado numa “gama de soluções habitacionais de distintas dimensões, qualidade e padrões”, que por um lado, buscava atender as demandas de segmentos variados, e que, por



outro lado, refletia "a estratificação social então prevalecente". (BONDUKI, 2011, p.46).

É certo que E. Klabin não se casou formalmente, não teve filhos, embora tenha vivido por décadas na companhia de Anna Theresia Hamburguer. Não fez testamento, não nomeou herdeiros, deixando seu grande patrimônio sujeito às deliberações das instâncias judiciais e a acordos tutelados pelas mesmas. Os relatos até então coletados apontam para um conjunto de conflitos em relação à herança de E. Klabin envolvendo sua companheira, que faleceu dois anos depois dele, seus sobrinhos, e alguns poucos funcionários mais próximos a ambos. Sabe-se também que residiu em uma casa na mesma Vila Mariana da infância e juventude, bairro até então suburbano, pouco ocupado, onde ficava a mansão dos pais na Rua Afonso Celso, momento de vida em que esteve próximo desses e das irmãs, exceto nos períodos em que juntos, ou separados, estavam em viagem à Europa, seja a negócios, a estudo, a passeio ou em função de tratamento médico, como era comum à elite paulistana abastada. A vizinhança entre sua casa da vida adulta e as casas das irmãs, já casadas, Jenny Klabin Segall e Mina Klabin Warchavchik, que diz respeito apenas poucos quarteirões, parece pressupor proximidade, convívio e harmonia familiar que, por ora, alguns relatos insistem em contradizer.

Parece que E. Klabin era avesso às relações familiares, cultivava poucas amizades, mantinha-se, de certa forma, isolado, o que levou alguns entrevistados a descrevê-lo como ermitão. Ainda que seja demasiado arriscado incorrer em imprecisões, é marcante as descrições quanto ao distanciamento que estabelecia, deliberadamente, da sua família, mesmo tendo tantos negócios em comum. Não se sabe se será possível recuperar as circunstâncias em que esse distanciamento foi estabelecido, e de que forma, mas ele justamente contradiz uma das proposições primeiras que se elaborou quando se visitou pela primeira vez a casa Klabin em Campos do Jordão: a de que ela teria sido concebida sobre a influências de princípios modernistas em função da relação entre a família Klabin e o arquiteto G. Warchavchik. Lira (2007, pg. 145), um dos principais estudiosos sobre este arquiteto, apresenta-o como "elo fundamental entre arquitetura e modernismo no Brasil", elo corroborado pela historiografia em maior ou menor grau, com matizes diferentes, como se sabe.

Entretanto relatos parecem delinear uma personalidade ímpar, não só avessa às formalidades, mas provocadora em certos momentos e que fazia questão de manter distância dos círculos em que atuavam suas irmãs e seus já notórios cunhados, G. Warchavchik e L. Segall. No trabalho de Forte (2008) o nome de E. Klabin figura como um dos membros da SPAM Sociedade Pró-Arte Moderna, uma agremiação idealizada e dirigida por L. Segall entre os primeiros anos da década de 1930, formada por artistas e intelectuais de elite, "num processo de continuidade aos procedimentos da Semana de 1922" (FORTE, 2008, p.10). Ainda que elencado como membro desse grupo na categoria "Amigos das Artes", fica a dúvida se ele realmente participou das atividades do grupo. Ou se tratou de mais uma prerrogativa das atividades "obrigatórias" relacionadas à atuação da família, seja em âmbito social, jurídico-legal, ou ainda, no plano dos negócios, em que seu nome aparecia sem que ele, necessariamente, estivesse, de fato, envolvido com as ações em questão. Exemplo disso pode ser ilustrado pelas atuações como representante legal dos herdeiros de Maurício Klabin nos processos protocolados junto à prefeitura para a obtenção de Alvará de Construção, apresentados por Invamoto (2012). Em 1927, ele assinou os pedidos iniciais de dois projetos de G. Warchavchik, a serem construídos em terrenos dos Klabin: o da famosa casa da Rua Santa Cruz<sup>7</sup>, na mesma Vila Mariana, e do conjunto de casas Barão de Jaguará, na Moóca. Se esses relatos atestam a proximidade entre E. Klabin com os membros da família

---

<sup>7</sup> Construída em 1928 para ser residência do próprio arquiteto e de sua esposa, essa casa é, segundo Lira (2007, pg. 164), "considerada a primeira obra brasileira de arquitetura moderna, salão modernista dos mais importantes da cidade".



que eram protagonistas e ativistas em um “momento construtivo mais amplo na história cultural no modernismo brasileiro” (LIRA, 2007, pg. 145), ao mesmo tempo, não atestam sobre o caráter dessa proximidade.

O que parece importante destacar aqui é que, ainda que avesso a sociabilidades, e aparentemente se mostrando alheio e pouco engajado com as “questões modernas”, especialmente voltadas a arte, arquitetura e construção, E. Klabin esteve em contato direto com contexto de efervescência cultural que estava à sua volta, seja no círculo familiar, seja no circuito da elite local à qual pertencia<sup>8</sup>. Parece inegável que tenha tido, especialmente quando jovem adulto, no Brasil e exterior, contato com intelectuais e artistas, pessoas que “emprestaram seus espíritos irrequietos à busca de superação de paradigmas, atentos ao que se passava em áreas, países e culturas distintos dos seus, dispostos a colocar seu trabalho em prol da redefinição de linguagens e de referenciais” (VIRUS 12). Entretanto, ao que tudo indica, esse contato parece ter reverberado apenas em numa instância de prática privada, e para ser apropriada de forma esporádica, como nas casas de campo<sup>9</sup>. Sua “produção rentista”, urbana, anônima até então, passou despercebida ao lado do conjunto dos empreendimentos habitacionais patrocinados pela iniciativa privada. Na obra única, isolada e declaradamente autoral, para deleite doméstico, explorações e inquietações parecem poder florescer, entrar em ação, assim como certo descompromisso com regras e princípios previamente estabelecidos e demarcados. Pode-se ser ambíguo, ousado, pode-se brincar. Sem necessidade de legitimação, sem querer ser exemplar, emblemático. Ou mesmo precisar seguir legislação e códigos de posturas. A casa, que se situa longe da cidade, que está alheia à exposição urbana, está também livre dos juízos de qualquer natureza. Seu autor tem também, como talvez desejado, garantido o anonimato.

O contato com fluxos e redes de atores envolvidos com a modernização nos anos 1920 e 1930, com um circuito cultural atualizado, de renovação em amplo sentido, teria de certa forma condicionado, determinado, modelado o projeto da casa de Campos do Jordão, realizada vinte anos mais tarde? Os estudos em engenharia, as atividades de empreendedor realizadas tão proximamente aos canteiros de obras, teriam influenciado as “engenhosidades” curiosas, com caráter de maquinaria, da casa de Campos de Jordão, apresentadas abaixo? Quais ressonâncias da cultura arquitetônica teriam influenciado E. Klabin? Embora ainda seja difícil sugerir qualquer aproximação, a indagação primeira permanece: a casa é demasiado referenciada para ser fruto apenas do possível gênio inventivo do seu autor.

## PROJETO E CONSTRUÇÃO SIMULTÂNEOS, ABERTOS A MODIFICAÇÕES

---

<sup>8</sup> Interessante notar que, em uma rápida pesquisa nos arquivos do jornal Correio Paulistano, das décadas de 1910 à 1940, (disponíveis na Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital) encontram-se inúmeras pequenas publicações que citam o nome de E. Klabin. A maioria delas envolvendo campeonatos e jogos de tênis dos clubes paulistanos Club Regatas Tietê, Paulistano e Harmonia, e notas sobre o andamento de processos junto à Prefeitura Municipal e na *Secção Judiciária*. Trata-se do mesmo jornal, que em 1928, publicou uma série de escritos de G. Warchavchik, agora reunidos no livro *Arquitetura do século XX e outros escritos* (MARTINS, 2006), e que também publicou em 5 de janeiro de 1927 uma nota sobre as núpcias do arquiteto e Mina Klabin, de quem E.Klabin foi padrinho, no civil.

<sup>9</sup> Durante essa fase de levantamentos de dados, tomou-se conhecimento de uma outra casa de campo projetada e construída por E. Klabin nos arredores de São Paulo, próxima à Rodovia Anchieta, na qual também seria destaque uma torre-mirante, que abrigaria uma caixa-d’água e uma adega. Segundo Mauris I. K. Warchavchik (2016), o tio construiu essa grande torre porque “ele queria ver o mar”. A sua própria casa da Vila Mariana, localizada na esquina das ruas Tirso Martins e Capitão Rosendo, parece que também foi construída seguindo suas orientações, e possuía alguns dispositivos da mesma natureza aos apresentados abaixo, na casa de Campos do Jordão.



A casa Klabin foi construída, muito provavelmente, entre os anos de 1948 e 1956<sup>10</sup>. Fica em uma área de 121.000 m<sup>2</sup>, aproximadamente à 14km do centro de Campos do Jordão e foi uma das primeiras casas construídas no Parque do Ferradura, um loteamento empreendido pela Companhia Imobiliária e Financeira - C.I.F., de Paulo Plínio da Silva Prado, nos anos 1940, que ainda é pouco ocupado e apresenta características bastante rurais<sup>11</sup>.



Fig. 3: Vista aérea da casa Klabin e da casa do caseiro (logo acima), provavelmente da década de 1990. Fonte: Acervo particular do atual proprietário da casa.

Gustavo Biagioni, morador de Campos do Jordão, antigo funcionário da C.I.F. na implantação do Parque do Ferradura, foi o construtor responsável pela obra, sob a orientação de E. Klabin. Segundo Benedita Biagioni (2016), o marido foi funcionário assalariado de E. Klabin por anos, contratado para conduzir a construção da casa contando ocasionalmente com uma pequena equipe de outros pedreiros locais. Ainda conforme B. Biagioni (2016), Gustavo Biagioni fazia diariamente o trajeto da cidade à obra a pé, enquanto os materiais de construção, comprados em um grande depósito local, chegavam transportados por carroças puxadas a cavalo. E. Klabin ia a Campos do Jordão quase todo mês, e junto com o construtor decidia a condução da

<sup>10</sup> Segundo Benedita Biagioni (2016), "em 1950 estava levantando as paredes [da casa], tinha ainda muita coisa para fazer".

<sup>11</sup> No lote, além da casa principal, objeto desse estudo, encontra-se a casa do caseiro e pelo menos mais duas construções, uma que abrigava um gerador, e outra, em ruínas, que abrigava uma bomba d'água.

construção, cuja parte de carpintaria e esquadrias de madeira teriam ficado sob a responsabilidade do cunhado de Gustavo Biagioni, João Costa Amâncio<sup>12</sup>.

A esposa de Gustavo Biagioni relata que, durante os mais de quatro anos em que esteve à frente da obra, o marido fazia pequenos desenhos à lápis em "papel de pão" que depois eram submetidos à aprovação do proprietário. Ao que parece, E. Klabin também fazia esboços da construção. Vários deles foram encontrados em uma agenda promocional na própria casa, por volta de 1987, quando esta é transferida a seu atual proprietário<sup>13</sup>. Na agenda do ano de 1954 é possível identificar alguns desenhos que parecem ser estudos de alguns elementos da casa elaborados pelo próprio E. Klabin, como se vê adiante, e que foram feitos concomitantemente à construção da casa<sup>14</sup>.

Importante destacar aqui é que o projeto e a construção da casa parecem terem sido realizados simultaneamente<sup>15</sup>. De modo bastante informal, sem um desenho técnico que representasse o objeto a ser construído na sua totalidade, ou talvez um croqui que determinasse onde se deveria chegar, de antemão, E. Klabin e G. Biagioni, o proprietário/idealizador e o construtor de fato, iam trabalhando em conjunto, embora, é certo, que o segundo sempre estando sujeito às decisões finais do primeiro, "o único que dizia o que está certo ou não está, e aí se modificava o que queria", nas palavras de B. Biagioni (2016). Parece que havia, entretanto, uma certa permeabilidade entre as ações daquele que concebe, ainda que aos poucos, o projeto, e daquele que executa a obra. A divisão já plenamente institucionalizada de tarefas, a especialização, aqui parece não ser tão estanque. Havia uma troca, embora, pressupõe-se, bastante hierarquizada.

Há ainda outros relatos que corroboram esse envolvimento direto de E. Klabin com as obras que patrocinava, em especial em São Paulo. Em um deles, diz-se que ele acompanhava muito de perto as construções que realizava, sempre tendo à sua volta uma pequena equipe de pedreiros, eletricitas, e outros profissionais, que eram seus funcionários<sup>16</sup>. Podemos aqui pensar que se trata de alguém muito envolvido com o fazer construtivo, não só porque ali concentrava-se grande parte do seu investimento financeiro, mas também porque talvez tivesse prazer em por em prática algumas ideias. Entretanto, ideias que não necessariamente fossem formais e previamente sistematizadas, elaboradas e representadas em projetos, mas que talvez fossem *insights* derivados justamente dessa aproximação mais direta com o fazer.

Aspectos ligados a uma possível simultaneidade entre projeto e construção, como à possível estruturação de um canteiro de obras aberto a sugestões e mudanças, foram

---

<sup>12</sup> Gustavo Biagioni e João Costa Amâncio foram construtores e artesãos autodidatas, e ficaram bastante conhecidos na cidade, posteriormente, pela participação na construção de diferentes obras para a prefeitura. Gustavo Biagioni, inclusive, dá nome a uma rua de Campos do Jordão.

<sup>13</sup> Hahahel Salas Peres recebeu a propriedade como pagamento dos honorários pelos serviços prestados como um dos inventariantes do espólio de E. Klabin. Importante dizer que, na casa principal, foram "deixados" pelos herdeiros todo o mobiliário e muitos objetos, principalmente louças e objetos decorativos da sala de jantar, que até hoje encontram-se lá, muito bem conservados. No geral, parece que houve pouca intervenção na casa desde então, como se vê a seguir.

<sup>14</sup> Na agenda da empresa Sudeleto S.A e Line Material do Brasil também estão anotadas algumas listas contendo materiais de construções e outros produtos, suas quantidades e valores, e também pagamentos a funcionários, datados de 1954, 1955 e 1956.

<sup>15</sup> A averbação do imóvel na escritura do terreno foi realizada pelo atual proprietário, o que reforça a ideia que pode não ter havido projeto, pelo menos o legal, para aprovação na prefeitura.

<sup>16</sup> Um dos entrevistados relata que era comum vê-lo na Vila Mariana, onde situava a maioria das casas que construiu para alugar, vestido com roupa de operário, empurrando "carrinhos" com materiais de construção.

aqui destacados não só porque foram indicados na coleta de informações até então realizadas, mas também porque, de certa forma, induziram a leitura da obra apresentada a seguir.

### **A CASA KLABIN EM CAMPOS DO JORDÃO, OU A CASA "SUBMARINO" ESQUECIDA NA SERRA DA MANTIQUEIRA**

É preciso dizer que a leitura, ou análise, a seguir é um instantâneo. Uma primeira aproximação que pode adquirir outras feições a medida em que a pesquisa avançar. Os levantamentos, entrevistas e pesquisas documentais realizadas até então, no entanto, direcionam parte das proposições aqui sugeridas.

Implantada seguindo orientação rigorosa norte-sul para as maiores elevações, no pico mais alto do terreno, a casa se assenta em uma área aplanada, de forma aproximada de uma elipse. É certo que se destaca em relação a paisagem, às outras pequenas construções do entorno, entretanto, a vegetação densa e alta que margeia o terreno junto à estrada a isola, esconde ou ainda, protege (Figura 3).

Como se disse, à primeira vista, em termos formais, a casa apresenta certa figuratividade. Faz alusão ora ao submarino, a partir da elevação sul, ora ao transatlântico, com a sinuosidade dos planos de fechamento da cobertura de acentuada inclinação. Reforça estas referências o volume vertical da chaminé da lareira, que além de concentrar parte da infraestrutura de calefação (lareira, caldeira e aquecedor), também comporta um mirante, cujo acesso se dá através de uma escada-alçapão, engenhosamente construída. A chaminé da lareira é, literalmente, um mirante, como também o é a vela do submarino<sup>17</sup>. Aberturas na forma de escotilhas, uma sequência de blocos de vidro que repetem ao mesmo ritmo e lembram pequenas aberturas dos submarinos, dutos que se assemelham à diversos periscópios e a relação do elemento vertical da lareira com a curvatura da elevação sul, reforçam a referência à linguagem formal dos submarinos nucleares da década de 1950 (Figuras 4 e 1).

---

<sup>17</sup> Chama-se vela a pequena torre que se sobressai da parte alta do submarino, e que abriga também os periscópios, dispositivos usados para captar imagens acima da água.





Fig. 4: A figuratividade do submarino e do navio. Fonte: Casa Klabin, Heloísa Mônaco dos Santos, 2016. Imagens dos submarinos, CHINA'S... (2014) e RÚSSIA... (2013).

O processo de levantamento métrico e de representação da casa sugeriram a formulação de algumas proposições quanto ao processo de projeto e construção (Figura 5). Destaca-se três possíveis etapas construtivas da casa, com diferenciação nas soluções plásticas e funcionais, ainda que não se possa atestar a distância temporal entre elas. Reforçam esta proposição o caráter de simultaneidade de projeto e construção, discutido acima, e também o relato de B. Biagioni (2016) sobre o fato de E. Klabin frequentar quase mensalmente Campos do Jordão para instruir a construção da casa e se hospedar lá mesmo, na casa principal. Além disso, a construção que começara por volta de 1948, com os primeiros movimentos de terra, teria se estendido, pelo menos, pelos anos de 1954, 1955 e 1956, conforme indicam alguns croquis e registros financeiros da obra, dispostos na referida agenda do antigo proprietário, já citada.

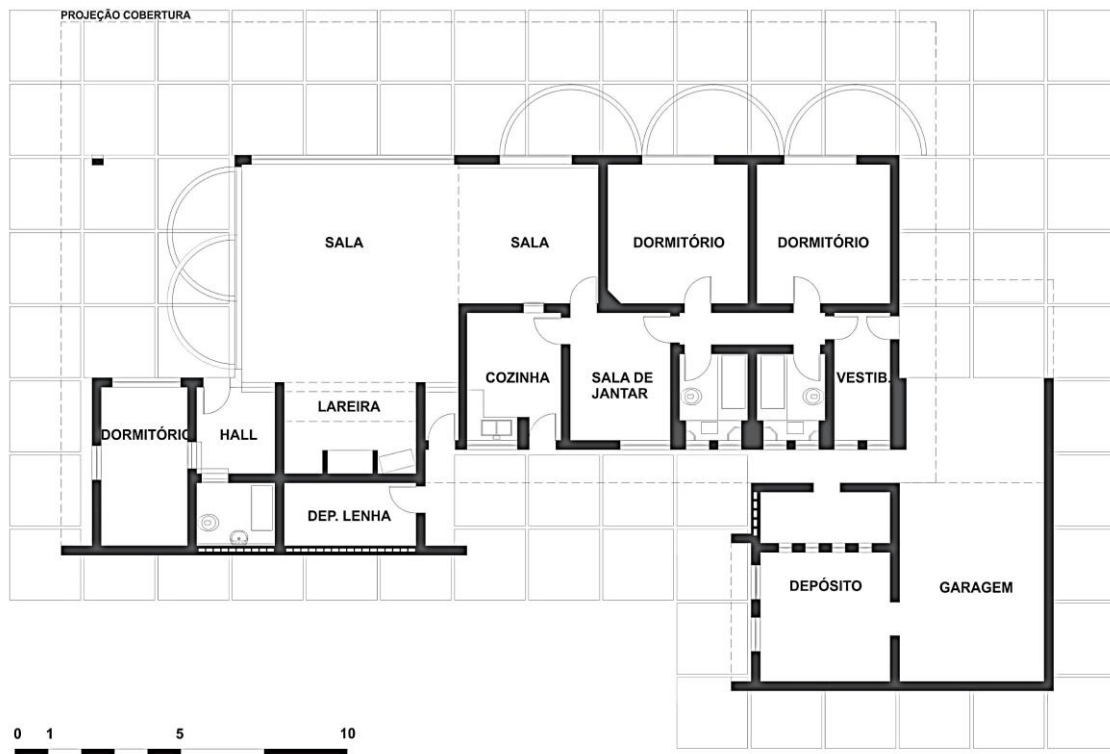


Fig. 5: Planta da casa Klabin, a partir de levantamentos *in loco*. Fonte: Elaborada pelas autoras, 2016.

Chama atenção, inicialmente, no que seria a **primeira etapa construtiva**, o contraste de certa ousadia plástico-formal, presentes, por exemplo, no acentuado balanço da cobertura da elevação norte, com um pequeno núcleo no interior da edificação (Figura 6). Este assemelha-se, em planta, a uma casa compacta, modesta. O pé-direito convencional de 2,96m parece não ter sido pensado para receber a variação acentuada da inclinação da cobertura. O forro inclinado dessa mesma cobertura, no exterior da edificação, apresenta grandes variações nas elevações norte e sul. Fato que aparenta ter sido a solução mais imediata para compor esse fechamento e fazer conexão entre cobertura e paredes, como se esta cobertura tivesse sido concebida em um momento posterior de projeto (Figura 7).



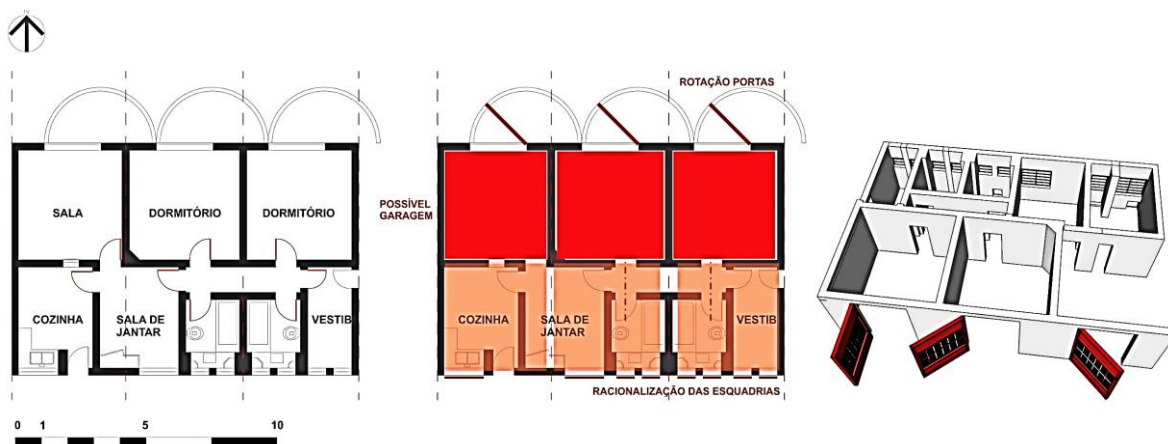


Fig. 6: Núcleo inicial. Fonte: Elaborada pelas autoras, 2016.



Fig. 7: Inclinação dos forros nas elevações norte e sul. Fonte: Heloísa Mônico dos Santos, 2016.

Esse núcleo privilegia a disposição dos dormitórios e sala para a orientação de maior incidência solar, provavelmente em função das baixas temperaturas registradas no local, que fica próximo ao Pico do Itapeva com seus 2.025m de altitude. Todas as suas aberturas concentram-se nas elevações paralelas norte-sul (exceto a porta do vestibulo). Ainda que as diferentes dimensões e tratamento entre elas estejam claramente relacionadas às prerrogativas funcionais, parecem também configurar uma diferenciação entre uma fachada frontal, principal, marcada pela exata disposição dos três grandes elementos de abertura, e uma fachada de fundos, à semelhança de uma implantação convencional em lote urbano.

O interior desse mesmo núcleo é marcado pela tripartição da planta em setores social, íntimo e de serviços. A planta retangular parece ser definida por uma rígida modulação quadrada. Percebem-se três quadrados alinhados à elevação norte e três presentes na elevação sul, porém a modulação foi seguida de forma rigorosa na compartimentação dos cômodos e alinhamento das paredes na elevação norte, onde quartos e sala apresentam exatamente as mesmas dimensões. Entretanto, perde-se na divisão interna dos ambientes adjacentes à elevação sul, que abriga as áreas molhadas, vestibulo e sala de jantar. É notória também certa racionalização na

disposição dos alinhamentos entre as portas internas dos dormitórios e banheiros, e da própria área de circulação como um todo<sup>18</sup>.

As esquadrias também possuem dimensões e design racionalizados. A elevação norte, como se disse, é caracterizada por um conjunto de porta-janelas em madeira, que podem ser abertas totalmente como um único plano, ou através das duplas "folhas" que correm embutidas nesse plano, no sentido vertical, com esquadrias de venezianas e vidro. As venezianas apresentam-se compartimentadas em seis folhas verticais cada, enquanto as esquadrias da elevação sul, em ferro e vidro, também apresentam subdivisões em seis partes, porém horizontais. Enquanto as primeiras foram claramente produzidas exclusivamente para essa obra, a partir de um desenho bastante elaborado, as segundas podem ter sido compradas prontas, dado seu desenho bastante padronizado. O que acentuaria a ideia de uma certa "nobreza" da elevação norte frente à sul.

A **segunda etapa construtiva** aparenta marcar as primeiras soluções plástico-formais que tanto chamam atenção na residência: a concepção da grande cobertura inclinada, e o tratamento e a valorização formal de todas as elevações, reduzindo a aparente hierarquia frente e fundos da etapa anterior. Não é possível definir se o ambiente da lareira é concebido como volumetria-mirante nesta fase, uma vez que este não aparece no croqui que supostamente mostra um estudo compositivo da elevação oeste (Figura 8, 1 e 2).

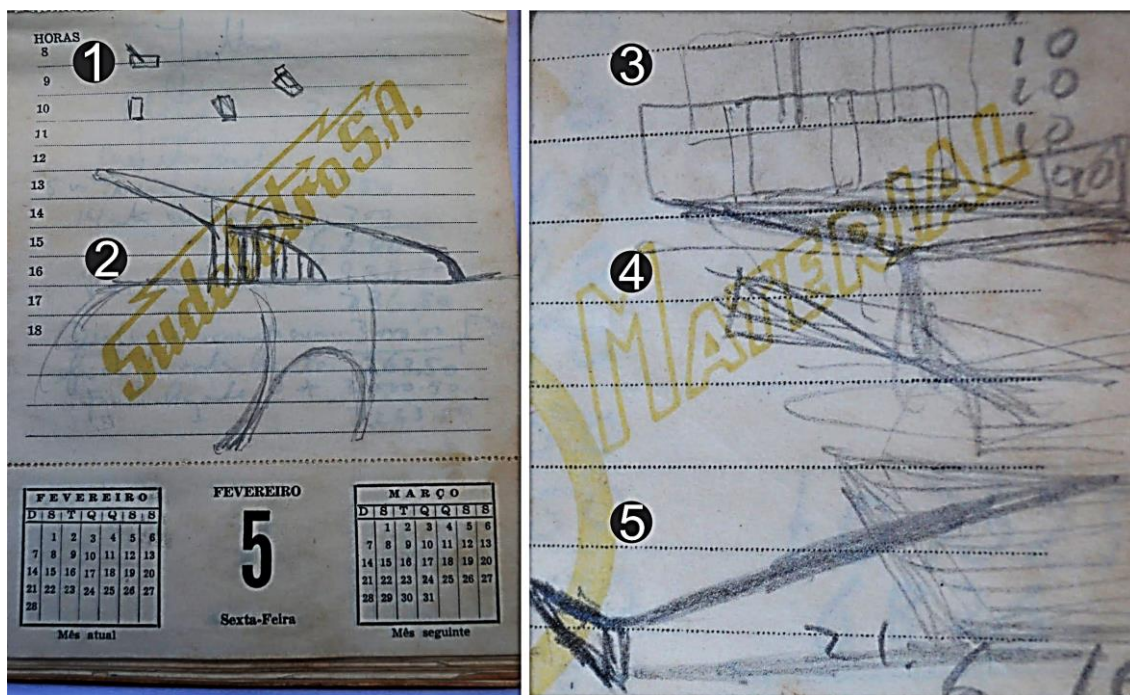


Fig. 8: Croquis de E. Klabin a partir de fotos da agenda: (1) supostos estudos de plano inclinado sobre o núcleo inicial da casa; (2) concepção da elevação oeste; (3) a modulação do quadrado presente em diversos estudos; (4) possível continuidade entre cobertura e paredes; (5) casco do navio?

Fonte: Agenda de E. Klabin, fotos de Heloísa Mônaco dos Santos, 2016.

<sup>18</sup> Essa racionalização é ainda mais acentuada quando se considera a disposição e design do mobiliário. Aqui cabe destacar que os armários dos quartos possuem seção quadrada e estão justamente alocados nos vãos menores entre as portas internas e as paredes, com aberturas diagonais; e a mesa da sala de jantar é disposta paralelamente à área de circulação, encostada na parede ao lado da cozinha, onde também se situa um dos passa-pratos da cozinha.

O interior que supostamente está associado à esta etapa construtiva é marcado pela adoção de elementos que conferem certo grau de flexibilização aos espaços, em oposição à rigidez e compartimentação estanque dos cômodos da primeira etapa (Figura 9). A flexibilidade dos espaços internos é conseguida aqui a partir de alguns dispositivos descritos a seguir. [1] A cortina que desliza sobre trilhos presos ao teto que, quando fechada, separa uma sala menor (a única presente na etapa anterior) e a grande sala, onde se encontra o espaço da lareira, um ambiente de 3,97m por 2,75m. [2] As portas articuladas que fazem o fechamento lateral da sala, que seguem o mesmo desenho das portas rotatórias dos quartos, mas também articulam-se lado a lado para promover a abertura total desse plano lateral, que dá para uma varanda, maximizando a perfeita integração entre interior e exterior. Essa solução, disposta na elevação oeste, favorece justamente a vista para a Pedra do Baú<sup>19</sup> e o pôr do sol, além de aumentar a incidência solar no interior do edifício. [3] As grandes portas-armários que ocupam dois vãos, do piso ao teto, ao lado da abertura do espaço da lareira, e guarnecem a grande sala com espaços de estocagem, e, ao mesmo tempo, são os acessos para outros ambientes, ou, os 'ocultam'. [4] As portas-armários do *hall*, que quando deslocadas para as aberturas das portas convencionais do banheiro e do dormitório de visitas, levam espaços de estocagem para dentro dos mesmos. [5] O espaço da lareira, contínuo à sala, que pelas dimensões e equipamentos que abriga - a própria lareira, um aquecedor/fogão à lenha, a escada-alçapão de acesso ao mirante-, permite vários usos: chaminé, que agrega os dutos destes equipamentos, bem como circulação vertical ao mirante. (Figura 10).

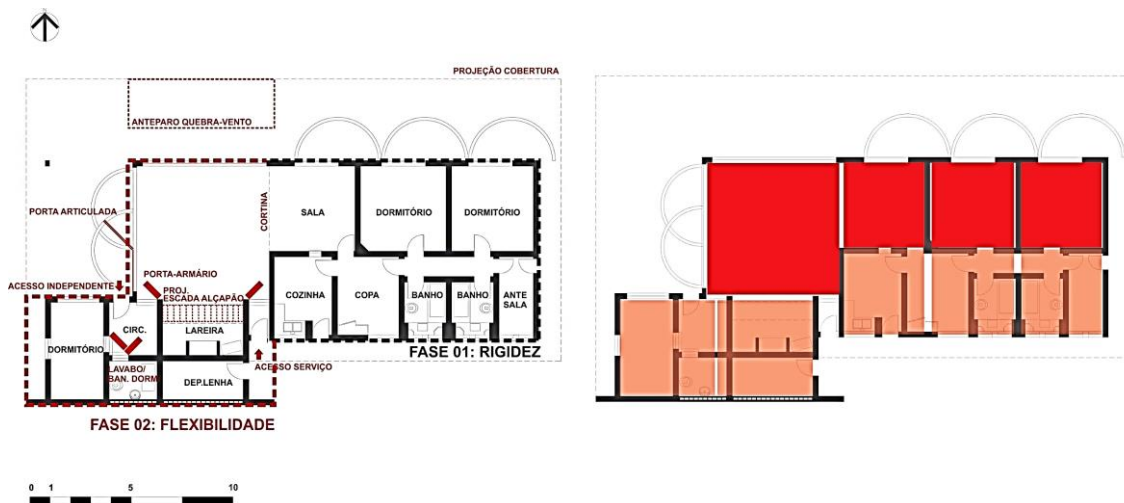


Fig. 9: Segunda etapa construtiva. Flexibilidade dos elementos componentes em contraste com a rigidez de modulação e racionalização do núcleo inicial. Fonte: Elaborada pelas autoras, 2016.

<sup>19</sup> Grande rocha que fica a 1.950m de altitude, referência na paisagem do Parque Estadual de Campos do Jordão, e nesse município.





Fig. 10: Dispositivos de flexibilidade: a chaminé da lareira como mirante; as portas-armários, na sala e no hall, respectivamente. Fonte: Heloísa Mônaco dos Santos, 2016.

Além dos elementos que qualificam o espaço com possibilidades de diferentes configurações e usos, o quadrado como módulo também é resgatado na planta desta porção da casa, e mantém o mesmo padrão do anterior: o quadrado em planta como compartimento, do lado da elevação norte (a grande sala) e a presença nos ambientes da elevação sul, porém sem definir exatamente a compartimentação de cômodos.

Nesta etapa, percebe-se uma setorização flexível também a partir da disposição de acessos de um conjunto de ambientes que abriga um dormitório, um banheiro e um *hall*, provavelmente destinado ao uso de eventuais visitas. Deslocado do setor íntimo da casa, possui acesso exterior independente. Esse *hall*, que também é circulação e é vestíbulo, flexibiliza o uso do banheiro, ora como lavabo, integrando-o à sala, ora como parte de uma grande suíte, que pode ser acessada do exterior ou ainda de dentro da casa, como se disse, mas que também pode ficar oculta pela grande porta-armário. Também a outra grande porta-armário disposta do outro lado da abertura do ambiente-lareira leva a um espaço que é, ao mesmo tempo, passagem de serviços entre exterior e interior, e espaço de estocagem.

Parece pertinente destacar nesse contexto ainda dois dispositivos que faziam parte da configuração original da casa Klabin. Trata-se, primeiro, de um grande anteparo que ficava acoplado, quando fechado, junto à superfície externa do telhado, na elevação norte, exatamente na área onde se situa a abertura horizontal da grande sala. Quando acionado por um sistema mecânico de alavancas e cabos de aço, dispunha um grande plano vertical que funcionava como quebra-ventos, ou ainda, brise. O segundo elemento, situado exatamente na mesma abertura, era uma grade externa, que também acionada por um mecanismo composto por um conjunto de contrapesos, poderia ser suspensa, deixando totalmente livre a visão da paisagem circundante através da grande esquadria de madeira, de aproximadamente 6m, que dispunha seis panos de vidro. Tais dispositivos, operam a partir de uma lógica mecânica, de máquina, e imprimem possibilidades de alterar elementos construtivos da casa, seja para um melhor desempenho em termos de conforto ambiental, ou

ainda, simplesmente para remover temporariamente desagradáveis aparatos de segurança.<sup>20</sup> Estes dispositivos atestam, por si, o envolvimento criativo e inventivo de E. Klabin aplicado à prática construtiva.

A **terceira e última etapa construtiva** se caracterizaria pela inserção do volume que abrigaria as funções de garagem e depósitos (Figura 11). Percebe-se certa indefinição dos usos efetivamente pensados para esses ambientes que hoje são depósitos. A inexistência de informações leva a pensar que bem poderiam ter sido concebidos como, por exemplo, um dormitório com banheiro, ou ainda espaços de serviços. Entretanto, o mais importante é destacar aqui que justamente a presença da cobertura da garagem, plana e independente do grande plano inclinado, reforça a proposição de que esta volumetria poderia ter sido pensada posteriormente ao núcleo inicial da casa. Alguns croquis de E. Klabin também indicam possíveis estudos desta elevação e de sua composição com a chaminé-mirante (Figura 12). Não é possível afirmar, contudo, se essa volumetria vertical já estava construída ou se foi pensada concomitantemente ao volume da garagem, ou seja, há incerteza quanto coincidência ou não de elaboração de projeto e construção do que aqui está se chamando de etapa dois e etapa três.

---

<sup>20</sup> Esta era a única grade que a casa possuía. Atualmente, todas as aberturas são protegidas, inclusive essa mesma abertura conta com duas camadas de grades, a antiga, externa e a nova, interna. Algumas informações fornecidas pelos atuais proprietários da casa Klabin mostram que foram realizadas outras poucas intervenções na casa. As mais significativas foram: [1] a troca das telhas de amianto, que acompanhou o modelo original; [2] a troca do forro de madeira dos beirais laterais das coberturas externas, que antes era feito com chapas *soft* de fibras de madeira pintadas de branco (como o modelo da marca Eucatex) e foram trocados por ripas de madeira com um encaixe do tipo macho e fêmea; [3] o fechamento da porta que ligava o exterior da casa, o compartimento de armazenamento ao lado da lareira e a sala principal; [4] o fechamento da porta externa do vestibulo, na elevação leste da casa.



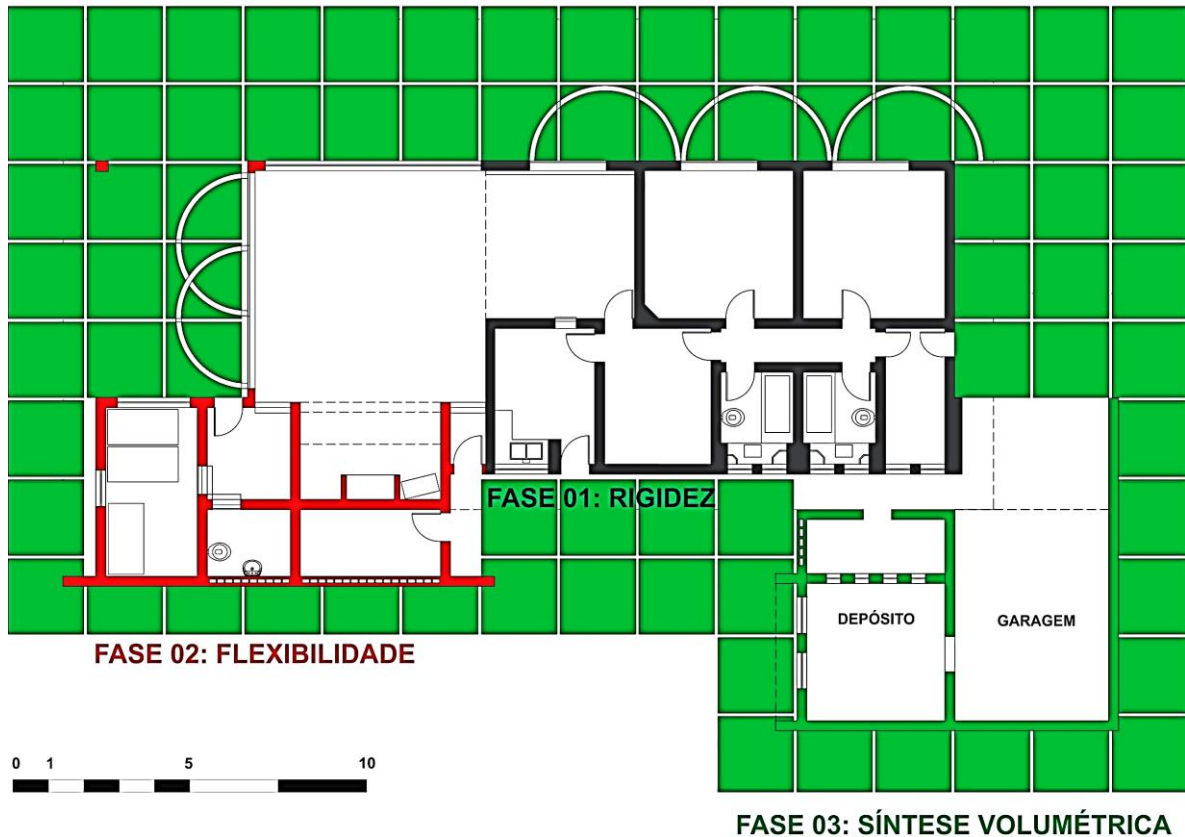


Fig. 11: As três etapas construtivas em planta-baixa. Fonte: Elaborada pelas autoras, 2016.

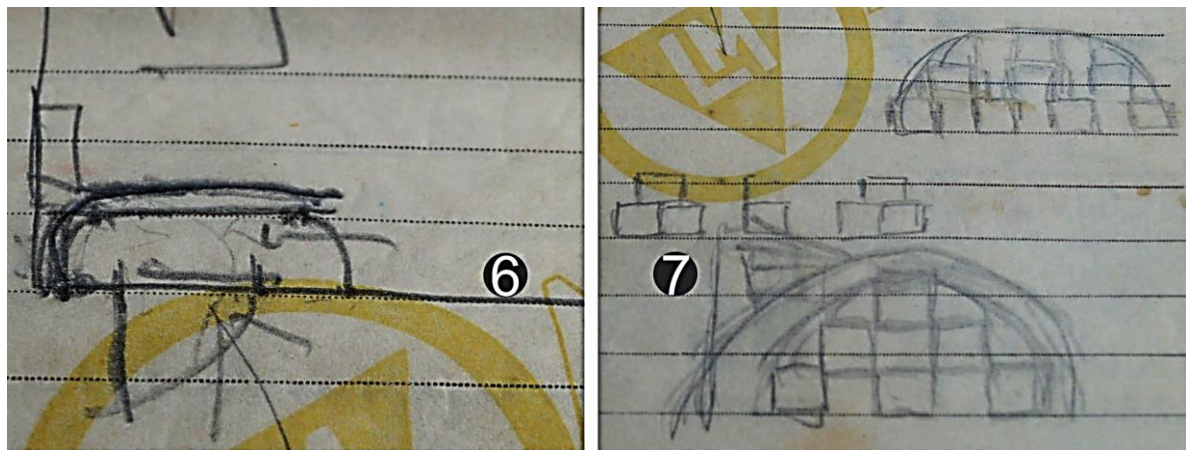


Fig. 12: Croquis de E. Klabin a partir de fotos da agenda: (6) supostos estudos da volumetria da garagem e o elemento vertical da lareira; (7) outros estudos a partir da modulação do quadrado. Fonte: Agenda de E. Klabin, fotos de Heloísa Mônaco dos Santos, 2016.

Ainda que apenas especulação, a volumetria que corresponderia à terceira etapa, parece “encobrir” parcialmente a elevação de fundos da edificação, do núcleo inicial, criando uma relação formal de continuidade com o volume curvo proposto para compor a elevação oeste e parte da elevação norte, e, em conjunto, reforça nessa mesma elevação a referência formal ao submarino (Figura 13). A elevação norte, que a partir do núcleo inicial configurava-se como menos importante, como visto acima,

torna-se então bastante significativa, apta também a ser observada e gerar interesse. Essa elevação está justamente em um campo de visão privilegiado dentro do percurso de acesso à casa a partir do portão considerado como principal, seja para o pedestre ou para o veículo.<sup>21</sup> Destaca-se também que, de certa forma, o tratamento dado externamente à superfície curva do suposto depósito, do lado oeste, simulando uma continuidade que não acontece internamente, reforça a ideia que houve a intencionalidade de trabalhar de forma independente alguns elementos de elevação. Nesse caso, esse elemento curvo faz referência à que? À igreja da Pampulha?<sup>22</sup> Talvez. A modulação a partir do quadrado é usada nos estudos de E. Klabin para o fechamento dessa parede curva (Figura 12-7), como é também sugerida na pavimentação original que circundava toda a casa.

A modulação desse pavimento, que avança para além dos limites da projeção das coberturas da casa, certamente confere coesão a todo o conjunto, que embora tratado aqui a partir de uma suposta diferenciação marcada por etapas construtivas, parece terem sido sistematicamente elaborados e repensados, justamente, considerando a ideia do todo. (Ver animação no endereço: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus12/?sec=4&item=12 &lang=pt>)

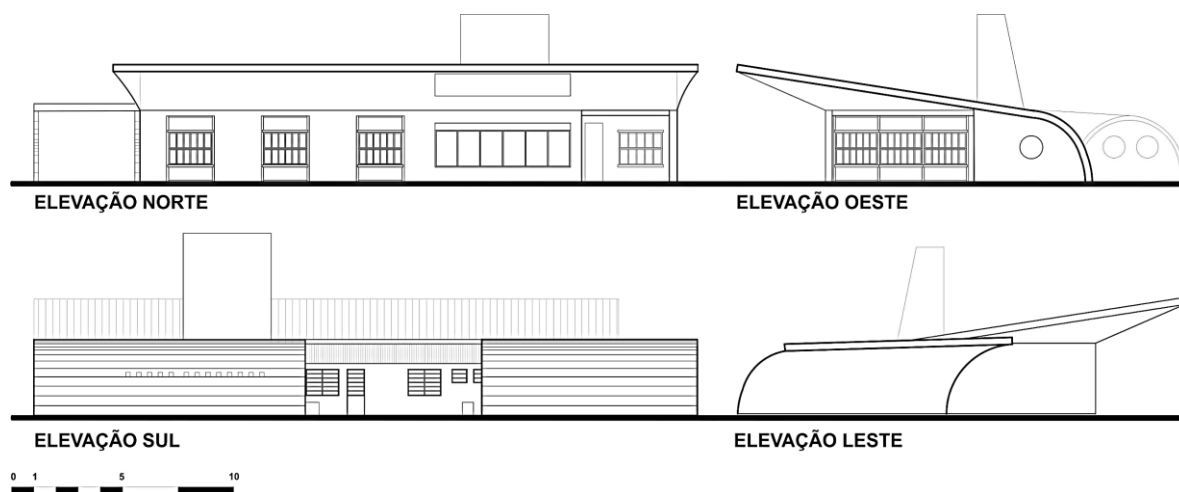


Fig. 13: As quatro elevações da casa. Fonte: Elaborada pelas autoras, 2016.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que o recorte delimitado para este artigo não tenha permitido uma apresentação e uma discussão mais aprofundada do mobiliário encontrado na casa

<sup>21</sup> Há duas entradas que dão acesso à propriedade a partir da estrada, dois caminhos que levam à casa principal. São marcadas por dois portais com desenhos bastante distintos, um mais simples e outro mais elaborado. O mais simples, segundo relatos, era considerado a entrada principal, e o que segue uma linguagem mais elaborada, era o acesso de serviços. Ambos pressupõem um percurso diferente até casa. Ainda não foram feitos estudos que conduzam a leituras mais consistentes sobre esses acessos e suas relações com a casa. Importante dizer também que estão ausentes nesse estudo as leituras sobre os espaços verdes e ajardinados externos em sua relação com a casa, que serão objeto de outras leituras, oportunamente.

<sup>22</sup> Em algumas circunstâncias a casa remete à Igreja São Francisco de Assis de Oscar Niemeyer, na Pampulha, em Belo Horizonte, obra finalizada em 1943. Alguns elementos das elevações sul e oeste da casa Klabin, sua lareira e garagem, remetem às abóbodas, ao campanário e a marquise da entrada dessa obra. Enquanto composição volumétrica, entretanto, algumas dessas aproximações, bem discutíveis, só são possíveis a partir de determinadas imagens, como, por exemplo, de alguns croquis do próprio arquiteto.



em Campos do Jordão, concebido por E. Klabin, é importante destacar não só a presença de um *design* bastante elaborado, como de alta qualidade na execução. Chama atenção não só conjuntos e peças sobre rodízios, os objetos articulados, modulados, que expandem e retraem, como o grande cubo-adega ou os pequenos armários-cubo da cozinha, mas principalmente aqueles que estão imbricados às paredes, portas e janelas, alguns deles apresentados aqui. Interessante pensar que a flexibilização que pressupõe, ou mesmo a racionalização do uso dos espaços que possibilitam, estaria fortemente associado a uma ideia de máximo aproveitamento do espaço, o que parece não ser necessário no contexto em questão. Armários embutidos em nichos ou junto às paredes, ou mesmo formando divisória entre ambientes, foram exaustivamente explorados no contexto do modernismo dos anos 1920 e 1930, quando a pauta era a discussão da habitação mínima urbana. Seriam eles aqui, artifícios que dotaria a casa de certo ar de modernidade? Ou seriam também apenas “experimentos” como talvez o fossem os dispositivos como o brise móvel, ou mesmo a parede-abertura articulada?

A parte interior da casa sugere certo rigor, certo apego a procedimentos que remetem a princípios funcionais, racionalistas, de flexibilidade. O exterior, ainda que apresente um jogo volumétrico marcante e conciso, recorre, como procedimento, à disposição de uma diversidade de elementos com um apelo figurativo, prioriza certo tratamento “fachadista”, que lhe imprime uma atmosfera *fake*, estranha, por vezes provocativa, bem mais próxima de uma outra vanguarda, literalmente, pós-moderna.

O que parece claro, é que, independentemente do processo projetual de E. Klabin ser convencional ou não, de ser referendado por uma formação formalista, sua prática estava imbuída da noção da “construção como todo”, da premissa de que o *design* integra a obra nas suas diferentes escalas, assim como pensavam alguns notórios que foram seus contemporâneos. Talvez seja exatamente aqui que o modernismo em arquitetura se materialize na casa de Campos do Jordão.

## AGRADECIMENTOS

A todos os entrevistados e, em especial, a Alexandre Salas, Heloísa Mônaco dos Santos, José Antônio Domingues e Luiz Carlos Marinho de Andrade.

## REFERÊNCIAS

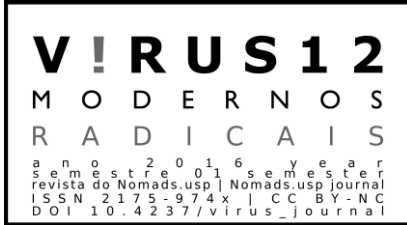
BIAGIONI, Benedita Costa. **Benedita Costa Biagioni**: entrevista concedida [mai. 2016]. Entrevistador: Denise Mônaco dos Santos. Registro sonoro 00:46:44.

BONDUKI, Nabil G. **Origens da habitação social no Brasil**: arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria. 5.ed. São Paulo: Estação Liberdade, FAPESP, 2011.

CHINA'S new nuclear-armed submarine fleet could upset the balance of power in Asia. Business Insider Australia. **Imagem**. 2014. Disponível em <<http://www.businessinsider.com.au/chinas-submarines-changing-balance-of-power-2014-10>>. Acesso em 18 mai. 2016.

DOMINGUES, José Antônio. **José Antônio Domingues**: entrevista concedida [jun. 2016]. Entrevistador: Denise Mônaco dos Santos. Registro sonoro 00:45:31.

FORTE, Graziela N. **CAM e SPAM**: arte, política e sociabilidade na São Paulo moderna, do início dos anos 1930. Dissertação (Mestrado em História Social) -



Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

INVAMOTO, Denise. **Futuro pretérito: historiografia e preservação na obra de Gregori Warchavchik**. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

LARA, Fernão L. G. de. **Modernização e desenvolvimentismo**: formação das primeiras favelas de São Paulo e a favela do Vergueiro. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

LIRA, José T. C. de. Ruptura e construção. Gregori Warchavchik, 1917-1927. **Novos Estudos**, São Paulo, Cebrap, n. 78, jul. 2007, p. 145-167.

MARTINS, Carlos Alberto Ferreira (Org.). Gregori Warchavchik. **Arquitetura do século XX e outros escritos**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

RÚSSIA desmantelará o primeiro submarino nuclear soviético. O Informante [Blog]. **Imagem**. 2013. Disponível em <<http://codinomeinformante.blogspot.com.br/2013/03/russia-desmantelara-o-primeiro.html>>. Acesso em 18 mai. 2016.

SALLA, Natália M. **Produzir para construir**: a indústria cerâmica paulistana no período da Primeira República (1889-1930). Dissertação (Mestrado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

V!RUS 12: Modernos Radicais. Chamada de trabalhos. **V!RUS**, São Carlos, n. 11, 2015. [online] Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus11/?sec=11&item=1&lang=pt>>. Acesso em: 12 Mai. 2016.

VALADARES, Paulo. Lafer-Klabin de Poselvjá: empreendedores e intelectuais brasileiros. **Boletim Histórico do Arquivo Judaico Brasileiro**, São Paulo, v.48, p. 36-40, out 2011.

WARHAVCHIK, Mauris Ilia Klabin. **Mauris Ilia Klabin Warchavchik**: Entrevista concedida [mai. 2016]. Entrevistador: Denise Mônaco dos Santos. Registro sonoro 00:32:20.